

Uma multidão em condições precárias – Sobre as greves colombianas

Via [International Viewpoint](#)

A decisão coletiva de realizar uma greve durante a pandemia de Covid-19 tem uma característica única que não pode passar despercebida. O chamado para que os colombianos saiam e protestem nas ruas veio em 28 de abril de 2021. [1] Após um ano de estrito confinamento, isolamento da família, virtualização de toda comunicação, medidas sanitárias extremas, medo administrado, políticas de saúde pública contraditórias e erráticas, e o aumento do desemprego e da desigualdade social, o fato de que as pessoas saíram às ruas apesar da falta de verdadeiras medidas de segurança significou que o povo achou que o protesto era o menor de dois males.

Ação trágica

A reforma fiscal proposta, como o vaso de flores de Llorente [2], ofereceu a oportunidade para múltiplas revoltas sociais convergirem, explosões que não tinham uma orientação unitária ou central. Uma multidão, formada por indivíduos que tinham sido forçados a escancarar recursos suficientes para a subsistência de suas famílias nucleares, viu através do cinismo do governo, que queria aumentar sua receita tributária sacrificando os salários dos trabalhadores para beneficiar o grande capital. Cinismo, neste contexto, significa “a prática sem vergonha e a defesa de ações e práticas repreensíveis”. Ter nomeado a reforma tributária “A Lei da Solidariedade Sustentável” (Ley de la solidaridad sostenible), foi uma forma obscena de zombar das pessoas que dependiam de seus próprios esforços ou da verdadeira solidariedade de seus amigos e familiares mais próximos e, em muitos casos, da caridade

pública e privada, para sobreviver. Assim, a decisão de atacar foi primeiramente motivada por um conjunto bastante amplo e complexo de afetos e sentimentos, principalmente os de raiva e indignação.

Aqueles que lideraram ativamente a greve e se juntaram à mobilização nas ruas sofreram e suportaram os efeitos da pandemia. Sob um sistema de saúde estratificado e hierarquizado, a maioria das pessoas não tem acesso adequado aos cuidados de saúde, nem têm a menor chance de voar para a Flórida para serem vacinadas nos EUA. Todos têm uma mãe, ou um tio, ou uma irmã, ou um camarada, que foi mandado de volta do hospital para casa, só para acabar dias depois em unidades de terapia intensiva superlotadas. Todos têm amigos que foram infectados e depois morreram porque foram obrigados a ir para as ruas para comer alguma coisa, ou avós que ainda estão esperando a primeira dose da vacina, embora já estivessem programados para serem totalmente vacinados. Os “manifestantes”, como têm sido chamados pela grande mídia social, compreendem clara e racionalmente os perigos aos quais estão expostos sob uma greve geral que requer sua presença coletiva nas ruas. E eles continuam a participar de ações públicas e coletivas que são reprimidas pelo Estado, tanto legal como ilegalmente. Fazendo isso, eles se expõem aos perigos da Covid-19 e às balas disparadas pelos agentes de uma ordem que eles não desejam mais suportar.

Os chamados “grandes pensadores” (“mentes lúcidas”) e “cabeças falantes” (“voces limpias”) que criticam os manifestantes de posições intelectuais que consideram “não poluídas” estão errados em caracterizá-los como irracionais e irresponsáveis, pois seus protestos têm uma lógica bastante clara por trás deles. Os manifestantes estão escolhendo os perigos da pandemia porque não querem mais ser submetidos a uma ordem social que os condena à pobreza e à miséria, a mesma ordem que os transforma em mão-de-obra barata enquanto os torna cúmplices de sua própria exploração – como no caso dos

“empreendedores de bicicletas”. [3]

A greve de 2021 tem todas as características de uma ação trágica, como na Agamêmnon de Ésquilo. Agamêmnon teve que sacrificar sua filha, Afigenia, para salvar os guerreiros aquáticos que lutavam ao seu lado contra Tróia; ele o fez, mesmo sabendo de seu terrível destino de sofrimento nas mãos de Clytemnestra em seu caminho de volta a Micenas. Os manifestantes colombianos enfrentam o mesmo destino trágico nas ruas, pois são obrigados a escolher, durante o pior pico da pandemia, o que eles consideram ser o menor de dois males. Sabendo muito bem que podem estar pondo suas vidas em risco, eles consideram o fortalecimento da ordem econômica, política e social que tem governado a Colômbia desde o final do século XX como o mal maior.

Primeira nota

Na semana passada (17-23 de maio de 2021) dei uma palestra sobre violência e movimentos sociais em um evento organizado por um coletivo do Departamento de Direito e Ciência Política da Universidad Nacional de Colombia. Nessa palestra, argumentei que a violência tem uma dimensão estruturante que impede a sua redução a pura instrumentalidade. A violência estrutura as subjetividades, as relações sociais, os territórios, as formas de vida e as ações coletivas. Consequentemente, a violência pode distorcer o significado de um protesto, especialmente quando agentes externos ao protesto se aproveitam dela. Há dois dias (25 de maio) fui contatado por três jovens ativistas dos “pontos de resistência” de Cali; um deles estudou na Universidade Nacional da Colômbia e atualmente está terminando seu curso na Universidade del Valle, os outros dois, uma mulher e um homem, sobrevivem aceitando “bicos” (rebusque). Eles me disseram: “embora não tenhamos entendido tudo o que você disse, pensamos que estamos parcialmente de acordo, mas gostaríamos de esclarecer uma coisa. Somos os filhos da violência”. Crescemos em meio à violência. Não estamos falando apenas da violência da fome,

que também é violência, mas da violência das gangues, dos paramilitares, da guerrilha, da polícia, dos militares, dos ladrões, dos ladrões, da violência que todos vocês chamam de microtráfico, e da violência que nossas mães e irmãs enfrentam em nossas casas". Não somos cidadãos 'bons cumpridores da lei' (personas 'de bien'), nem pessoas 'respeitosas' (gente 'sana') usando camisas brancas. [4] Sabemos que a violência nos 'marcou', somos migrantes do campo, deslocados à força; mas não somos 'gatos' que de repente descobriram a violência. [5] Existe uma 'briga' desesperada ('cólicos') em nossas comunidades. Por causa disso, não queremos voltar à violência na qual o governo e a classe dominante deste país querem nos confinar. Os pontos de resistência são os lugares mais seguros em nossas cidades. Tentamos controlar a violência durante a greve, mas quando eles atiram em nós, torturam e nos estupram também, a violência brota até mesmo dos corpos mais pacíficos. Não estamos tentando justificar nada. Estamos apenas tentando dizer que somos feitos de violência e, ainda assim, que continuamos a resistir e queremos superar essa violência, mas é muito difícil fazê-lo nesta sociedade de merda".

0 novo proletariado, ou a multidão em condições precárias

Os protestos de 2021 compartilham um elemento comum que os distingue de outros protestos anteriores, exceto talvez os que aconteceram em 2019. Grupos participam destes protestos que são tão heterogêneos que desafiaram a capacidade dos sociólogos de caracterizá-los por algum elemento comum, por exemplo, como trabalhadores assalariados, ou por um hábito social ou cultural. A greve geral reuniu atores sociais e políticos tão diferentes e tão heterogêneos quanto jovens desempregados, estudantes, trabalhadores assalariados, vizinhos, mulheres que participam ativamente de todos os aspectos do protesto (não apenas em tarefas relacionadas ao cuidado), professores, professores, artistas de todos os tipos, camponeses, povos indígenas, trabalhadores informais, ativistas políticos, funcionários de ONGs, médicos,

enfermeiras, e assim por diante. Em meio a tal heterogeneidade, o que os une é uma negação.

Tal negação refere-se ao dano social ou patologia que condena a maioria dos colombianos a uma condição de mera sobrevivência para que uma pequena minoria possa construir seu bem-estar sobre o descontentamento e o trabalho da maioria. A percepção daqueles que protestam na rua é clara: não protestam contra uma única reforma ou política; protestam porque há décadas vivem em condições insuportáveis; porque os horizontes de habitabilidade dos jovens continuam a encolher; porque o trabalho não remunerado os obrigará a trabalhar até a velhice, ou dependerá de suas famílias para sobreviver; porque uma mãe cujo filho está na linha de frente (primera línea) do protesto deve pegar “bicos” para poder sobreviver; [6] porque o trabalho doméstico mal remunerado não é suficiente para que esses trabalhadores alimentem suas famílias, forçando-os, assim, a entrar também no trabalho informal; porque diante de um salário já inadequado, que mal cobre os custos de vida, os trabalhadores se encolhem diante de como a reforma tributária aumentará sua conta de mercearia; porque a nova geração de trabalhadores vê que eles devem economizar cada vez mais dinheiro para pagar impostos a um Estado atormentado pela corrupção e pela impunidade.

Como diz Andrés Felipe Parra em sua análise das “Contribuições à Crítica da Filosofia de Direito de Hegel: Introdução” (1843) e “A Ideologia Alemã” (1846) de Karl Marx, na perspectiva limitada das relações produtivas da vida material, este conjunto bastante diversificado de seres humanos condenados à mera sobrevivência seria o proletariado. [7] Ou seja, “uma classe que não é uma classe”, um grupo social que se define apenas por uma negação, pois representa uma forma de vida baseada na sobrevivência, sobre a qual o resto da sociedade se organiza. Olhando além das relações produtivas, hoje também poderíamos pensar neste grupo como uma multidão que vive em condições precárias. As relações sociais atuais e as formas

correspondentes de organização política levam muitos a enfrentar – intelectualmente e afetivamente – a morte como uma realidade cotidiana. A própria vida é permanentemente exposta, vulnerável à perda, e hoje muitos consideram a pandemia um risco menor em comparação com a patologia social que os lança em uma luta pela mera sobrevivência.

Segunda nota

Um ativista em um dos pontos de resistência diz o seguinte: “antes éramos ninguém; agora, pela primeira vez, somos alguém ao lado um do outro nas ruas, onde até dormimos tranquilos – exceto quando somos atacados pela polícia ou por “bons cidadãos cumpridores da lei” armados. Atrás das barricadas, encontram-se as assembleias populares e cozinhas comunitárias, graças aos quais alguns têm acesso a três refeições por dia (los tres golpes) pela primeira vez desde o início da pandemia”. [8] Outra partilha a seguinte reflexão com estudantes do meu curso de graduação em Teorias do Poder: “o país explodiu em seus rostos”. Eles ainda não perceberam que não temos esperança e que, por causa disso, continuaremos a ir para as ruas”.

Um aparelho contra-insurgente

Sentir e pensar sobre os limites da sobrevivência, como está acontecendo hoje na Colômbia, gera o desejo singular e coletivo por uma vida que vale a pena viver. As lutas heterogêneas por outras formas de vida, a partir dessa diversidade de atores, também quebraram as lógicas de ação aceitas dentro da ordem social existente no país. Em reação, o Estado adotou uma nova abordagem de contra-insurgência, baseada no pensamento do entomologista e publicista chileno Alexis López. López foi arrancado da obscuridade quando o ex-presidente, Álvaro Uribe Vélez, o mencionou com aprovação, após ter sido convidado para a Universidade Militar da Colômbia (Universidad Militar). [9] A doutrina contraditória e teoricamente inconsistente referida como “revolução

molecular dissipada” (“revolución molecular disipada”), teria sido irrelevante, um mero objeto curioso do pensamento neonazista latino-americano, se não tivesse sido usado como trampolim para o aparato de contra-insurgência empregado contra a greve geral. Ele já acumulou um número assombroso de violações dos direitos humanos. Segundo o INDEPAZ (Instituto para o Estudo do Desenvolvimento e da Paz) e a ONG Temblores (terremotos), até 7 de maio mais de 50 assassinatos extrajudiciais, 12 estupros e 548 desaparecimentos forçados já haviam sido relatados.

A “Revolução Molecular dissipada”, presumivelmente inspirada na filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, pressupõe a existência de um grande movimento insurgente contra a normalidade das instituições colombianas. Segundo esta doutrina, uma vanguarda organizou este movimento a partir das sombras, dando-lhe uma fachada anárquica, quando na realidade é uma guerra civil horizontal, molecular e dissipada, cujo objetivo principal é derrubar o governo legitimamente eleito para substituí-lo por uma ditadura socialista ou comunista. Este aparelho interpretativo não só é inconsistente, mas também contraditório. López e seus seguidores colombianos são incapazes de entender as formas pelas quais a organização vertical que imaginam em resposta à greve, contradiz totalmente o tipo de revolução molecular teorizada por Deleuze e Guattari que, de outra forma, alegam, inspiraram a doutrina. Ao reduzir a molecular à micro-política, a doutrina apaga Deleuze e Guattari a compreensão materialista do desejo como um impulso produtivo, que é o conatus, a força imanente de um poder subversivo que se articula em torno da diversidade e da multiplicidade, em vez de uma organização estabelecida sobre uma identidade anterior e compartilhada.

No entanto, a coerência interna desta abordagem tem pouco significado quando comparada com a greve de 2021. O que importa é o novo aparato de contrainsurgência articulado por meio desta doutrina em uma nova máquina de guerra. Através

deste dispositivo ideológico, protestos públicos constitucionalmente protegidos são transformados em atos belicosos, manifestantes em inimigos que devem ser eliminados física ou simbolicamente, e a repressão em um instrumento que permite ao Estado realizar micro-surgias letais nas ruas da Colômbia. A cegueira ideológica causada por esta máquina não lhe permite compreender que quanto mais o povo for reduzido a uma condição de mera sobrevivência, mais decidida, prolongada e talvez até violenta será a resistência. Mas também é possível que esta ideologia funcione como um par de cegos, fazendo com que o Estado veja o estado de exceção como a única solução política para a crise de legitimidade que se agudiza cada vez mais.

Terceira nota

Quando ela me ouviu falar sobre esta doutrina, uma militante ambiental me escreveu de volta: “a tragédia é pior do que a que você descreve, porque a violência sancionada pelo Estado se alimenta da violência daqueles que estão desesperados”. Na verdade, as violações físicas estão se misturando de maneiras conflitantes, e essa mistura é usada, tanto pelo Estado como pela mídia social dominante, para construir a narrativa de que estamos sob um estado de guerra generalizado, o que então cria as condições para adotar medidas mais autoritárias e ditatoriais.

Interregno e anti-interregno

Durante o fascismo e enquanto estava preso, Antonio Gramsci escreveu sobre a “crise de autoridade” e sobre o interregno que tal crise abriu. Em meio a uma situação angustiante, enquanto encarcerado, ele rabiscou em um caderno de anotações: “se a classe hegemônica perde seu consenso, ou seja, quando já não ‘governa’, mas apenas ‘domina’, pois se baseia exclusivamente em sua pura força coercitiva, isto significa que as massas se separaram das ideologias tradicionais, que não acreditam mais naquilo a que costumavam, etc. A crise

consiste precisamente no fato de que o velho morre, mas o novo não pode nascer: neste interregno, verificam-se os mais variados fenômenos mórbidos”. [10] Se estamos otimistas, na Colômbia estamos testemunhando um interregno no qual o novo deve nascer, e devemos ajudar com a entrega. Mas também podemos estar experimentando um interregno no qual, como argumentei no prefácio da publicação na Colômbia da Izquierdas del mundo iuníos de Boaventura de Souza Santos! (2019), “esta é uma mutação regressiva, na qual, mais do que uma crise de autoridade, temos sua metamorfose, que pode se fortalecer sob novas bases ideológicas, capazes de dar nova forma a tais manifestações mórbidas, como os neo-autoritarismos e neo-fascismos de hoje”. [11] Até agora, a greve tem se concentrado no que Guattari chamaria o momento de desinserção. Este é um momento capaz de tornar visíveis as fissuras da ordem social atual. Mas ainda não é um momento constituinte. A greve ainda não encontrou uma maneira de possibilitar um tipo diferente de articulação a partir de baixo – uma capaz de reunir outras alternativas para que a sociedade colombiana possa passar de uma micro para uma macro-política do desejo. A incerteza a que fomos submetidos torna difícil antecipar o caminho que vamos seguir.

O governo autoritário ameaça truncar mais uma vez a invenção de formas de vida que vão além da mera sobrevivência. Assim como a pressa de alguns em tentar organizar as múltiplas explosões de protestos a partir do topo, por meio da voz guia do líder, ou da luz intelectual das Universidades, quando confrontados com conflitos sociais dispersos de todos os tipos. Se os protestos forem forçados sob uma única lógica política e programática, tudo isso pode resultar em uma nova frustração coletiva.

Última nota

Quando perguntei a outro ativista dos pontos de resistência qual alternativa eles propuseram diante da impossibilidade de sustentar a greve indefinidamente, eles me responderam:

“Durante a organização das assembleias populares, adquirimos um conhecimento que nunca vamos perder. Neste momento, não estamos negociando nem reconhecendo nenhum ator como negociando em nosso nome, mas se algo de bom acontecer, estamos dispostos a recuar e voltar somente se eles violarem os acordos ou quiserem insistir na normalidade que nós não aceitamos mais”. Nascerá uma nova realidade, ou afundaremos na velha que está disposta a nos arrastar a todos para seu abismo autoritário?